

Docência em situação de risco social na cidade de Canoas/RS - Brasil

Arno Bayer

Valter Kuchenbecker¹

RESUMO: *O artigo apresenta os resultados parciais de uma investigação que teve lugar nas escolas de ensino médio da cidade de Canoas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A pesquisa tem como tema o problema da violência contra os docentes. Apresenta várias reportagens de denúncias da violência e posicionamentos de especialistas sobre o assunto. Os resultados, no entanto, demonstram uma cautela muito grande dos professores sobre o assunto. Apesar de existirem provas concretas do aumento da violência nas escolas contra o professor, a maioria prefere manter o silêncio ao invés de denunciá-la.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo investigar a situação da violência contra o professor nas escolas da rede pública e privada do município de Canoas/RS.

Trata-se de uma pesquisa institucional que está sendo desenvolvida, com o apoio da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul) e do Consulado da Espanha, em parceria com a Universidade Pontificia de Salamanca, Espanha. O grupo de pesquisadores está composto de quatro doutores, dois da ULBRA (Universidade Luterana do Brasil) e dois de Salamanca, mais 3 bolsistas.

O artigo apresenta os resultados parciais obtidos na pesquisa feita em Canoas. Parciais porque o resultado final deverá ser completado com a pesquisa feita em Salamanca.

Do ponto de vista metodológico o artigo está dividido em cinco partes: introdução, estado da questão, metodologia, resultados e conclusão.

¹ Professores da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Doutores em Educação pela UPSA, Espanha. Colaboraram neste artigo as bolsistas Jaqueline Pena Tichyt Martins, Lucimara Wolfarth e Raquel Glapinski de Souza. A pesquisa teve apoio da FAPERGS. A redação final do artigo foi feita em Salamanca dia 18-04-2002 graças ao Programa de Intercampus da Embaixada da Espanha.

ESTADO DA QUESTÃO

Basta abrir um jornal, ligar a TV ou acessar a Internet para nos darmos conta da violência que ronda em nossa sociedade. Seja nas ruas, nos bairros ou nas escolas, que será objeto deste estudo. Não há limites. A cada dia que passa o assunto violência na escola ocupa mais e mais espaço na mídia e assusta a comunidade onde os crimes acontecem. Não é preciso muito esforço para constatar esta dramática realidade. O assunto tomou tamanhas proporções que um dos jornais mais renomados do Brasil, a Folha de São Paulo, criou um espaço no caderno cotidiano sob o tema «Violência nas Escolas» para discutir o assunto.

Recentemente vários episódios de violência civil e escolar provocaram o posicionamento de autoridades da maior metrópole brasileira, São Paulo. Alguns destes depoimentos servem de base para o nosso estudo e que relatamos a seguir.

Especialistas como Júlio Groppa Aquino, professor de psicologia educacional da USP (Universidade de São Paulo), falando sobre a violência na escola diz que “o aluno gosta da escola, mas não da sala de aula. Alguma coisa tem de ser repensada para que a escola seja realmente inclusiva e se abra para o aluno e para a comunidade.”

No entendimento do Secretário da Segurança do Estado de São Paulo a segurança na escola passa mais por outros canais do que pela polícia, é uma questão do educador, diz o secretário.

Já a Secretária da Educação, Rose Neubauer, do mesmo estado pensa diferente:

“O problema da violência, não é um problema da escola. É um problema que estamos enfrentando na sociedade e que acaba atingindo as escolas também. É uma sociedade que está mais doente e mais problemática. Falta coesão social. Um conjunto de valores importantes está se desintegrando, como o sentido de solidariedade, a identificação com a comunidade e o respeito mútuo. Por isso, o jovem se sente isolado e não como uma parte integrante da sociedade em que vive. Assim, o problema da violência não pode ser resolvido pelo governo de maneira isolada. É preciso chamar a atenção da sociedade civil como um todo, envolver a comunidade.”

Uma pesquisa do Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo (Udemo) mostrou que 76% de 429 colégios entrevistados foram cenário de algum episódio violento em 2001. O medo e a intimidação são cancelados por diretores e docentes. Em uma noite de setembro, uma professora saiu com a cabeça sangrando da sala de aula na Escola Estadual Professor Domingos Peixoto da Silva, na grande São Paulo. Alunos de uma turma noturna haviam colocado uma lata

de lixo repleta de cacos de vidro sobre a porta da sala, posicionada para despencar no primeiro que cruzasse o batente. A agressão não foi parar na Justiça porque a direção desencorajou a vítima. Em geral, diretores não gostam de ver o nome da escola envolvida em casos assim.

Não é difícil identificar e transcrever inúmeros exemplos como o relato acima. Manchetes como *Escola é fonte de insegurança; Aprendizado de chumbo; Cresce violência nas escolas* e tantas outras ocupam diariamente jornais deste imenso país.

Algumas considerações e conclusões preliminares. Cresce a cada dia que passa a violência urbana e o sentimento de insegurança nas escolas. De forma que o assunto violência na escola já faz parte da preocupação das pessoas.

A mídia, por sua vez, veicula de forma dramática reportagens sobre atos violentos, dando a estas informações elevada e excessiva importância.

As manifestações violentas no meio escolar, não são peculiaridades nossas. Outros países também se defrontam com o mesmo problema, como é comprovado pelas pesquisas e pelos noticiários internacionais.

Sobre as possíveis causas desta violência poderíamos arrolar várias pesquisas, como por exemplo:

Segundo Beatriz Didonet Nery (2001), os jovens vivem hoje a desesperança em relação as promessas de futuro que antigamente estavam contidas na proposta da escola. Ocupam boa parcela das estatísticas em casos de morte aparecendo o consumo de drogas como causa principal. Estas informações em geral não aparecem com clareza nas pesquisas feitas no meio escolar. No entanto, segundo o relato desta pesquisadora, em conversas mais reservadas com professores, a denúncia de tráfico e uso de drogas aparece com frequência, contrariando o que aparece nas pesquisas.

Conforme pesquisa já comentada acima feita pela Udemo sugere como causas mais comuns para a violência escolar a violência na televisão, cinema ou videogames; a pobreza e o desemprego; falta de supervisão dos pais; disponibilidade de armas; uso de drogas, etc.

A criança quando entra na escola já vem com uma carga de vida que ela traz da própria família e do meio em que ela vive e é a partir deste conhecimento que ela já tem que ela vai agir e reagir dentro da escola. A escola deve orientar as crianças para uma vida saudável em sociedade. Isto não é tarefa fácil, pois a criança possui uma tendência a imitar os outros e achar tudo muito bonito e bom, por exemplo, quando assiste um desenho violento onde uns matam os outros, se golpeiam, se chutam, ela vai chegar na escola e brincar com outros colegas do mesmo jeito que ela assistiu na TV, onde ela é o mocinho e o colega é o inimigo que tem que ser eliminado.

Outras causas são a miséria, a pobreza, a desigualdade social, a corrupção e a sociedade competitiva em que vivemos. É neste meio que a criança aprende a viver e sobreviver. Um menino de sete anos sabe que o pai está desempregado, que não tem o que comer. Como esta criança encara o mundo, onde aquele que tem mais pode mandar naqueles que tem menos, onde ela vê que uns roubam milhões e não são presos, onde as pessoas tiram a vida umas das outras e nada acontece, onde pessoas não tem o que comer, será que isto comove as crianças? Esta dura realidade muitas vezes nos leva a uma acomodação, achando que tudo isto é normal quando, na verdade, não é normal e não deveria ser assim.

E a escola onde entra nisto? A escola é o lugar em que o aluno vai expressar tudo isto, tudo que acontece na sociedade o aluno de uma maneira ou de outra vai levar para dentro do meio escolar. Como ele está vivendo atualmente em uma sociedade violenta é óbvio que isto vai refletir dentro da escola. Um meio de expressar a violência dentro da escola é através da indisciplina.

Um dos principais compromissos da escola é fazer da criança um cidadão consciente dos seus direitos e deveres como ser humano. O livro *Indisciplina na Escola* de Júlio Groppa Aquino diz: “É preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e dos jovens que hoje a frequentam...” “...pois, quando a escola não tem significado para eles, a mesma energia que leva ao envolvimento, ao interesse, pode transformar-se em apatia ou explodir em indisciplina e violência.»

A escola deve educar para a paz e não para violência. A educação para paz deve fazer parte do currículo da escola. Segundo Marcelo Rezende (2001), em algumas escolas este tema já integra os temas transversais na educação.

Muitas vezes os atos de violência na escola são um grito de socorro do aluno. Algumas vezes no meio em que as crianças estão inseridas não há regras nem limites estabelecidos e com isto a probabilidade de um aumento da violência é grande, os pais relaxam do seu compromisso na educação e formação dos filhos transferindo toda responsabilidade para a escola. E a escola por sua vez não está preparada e não sabe lidar com toda esta responsabilidade.

A Professora Marília Sposito(1999), em um fórum realizado em Porto Alegre sobre violência na escola diz: “O banheiro da escola é muitas vezes o espaço que o jovem tem para se expressar.”, e é isto mesmo, pois, nós não achamos que o aluno bom é o “quietando” , o que não diz nada e só obedece. As próprias experiências realizadas nesta área de violência na escola mostram que a violência diminui nas escolas que implantam grupos de teatros, dança, corais, atividades esportivas e outras que

façam com que o aluno expresse o que ele pensa e que desenvolva o seu potencial, muitas vezes a violência juvenil que ocorre nas escolas é gerada da ausência de sentido, o jovem precisa de uma causa, algo para buscar e a escola muitas vezes não dá este incentivo para o jovem, não faz com que ele busque um objetivo para sua vida. A escola muitas vezes diz que as coisas são assim e nunca vão mudar, ela não impulsiona o seu aluno a ir em frente a buscar novos horizontes. Apresenta tudo muito pronto, não deixa o aluno criar ou muitas vezes mata o entusiasmo do aluno e faz com que ele não se sinta capaz.

A violência que ocorre nas escolas não é um fato isolado do nosso país, ela ocorre mundialmente e de diversos tipos, pode se dizer que o tipo de violência na escola muda de região para região, de caso para caso, de pessoa para pessoa.

Nos países de primeiro mundo, como os Estados Unidos, a violência no meio escolar acontece de forma diferente da que acontece no Brasil. Uma reportagem na Zero Hora de 23/08/99, diz: “a escola americana é um caso de polícia”, este é o título da reportagem, que tem como principal enfoque os alunos Eric Harris e Dylan Klebold da escola Columbine Higt School em Denver, no Colorado, que no mês de abril invadiram a escola e mataram 15 pessoas incluindo os dois que se suicidaram logo após os assassinatos, foi um crime que abalou não só a sociedade americana como repercutiu no mundo inteiro e explodiu para o mundo a questão da violência na escola.

As escolas então resolveram adotar medidas de segurança, contrataram vigias, detectores de metais, seguranças, circuitos internos de TV e muitas outras medidas foram tomadas visando conter a violência dentro da escola. No último semestre foram expulsos 3930 alunos portando armas de fogo, e deste total 10% tinha menos de 10 anos de idade e as armas encontradas vão de pistolas, fuzis, metralhadoras, bombas de fabricação caseira até lança-granadas.

O próprio presidente na época Bill Clinton foi a TV pedir para os pais que conversem com seus filhos sobre a questão da violência, mas o que está acontecendo com estas crianças e jovens? O que os leva a tomar esta atitude tão brutal com os outros e consigo mesmo, isto é o que os pais, professores e alunos se perguntam até hoje.

Já no Brasil, a situação é um pouco diferente. Não aconteceram carnificinas como a de Denver, não acontecem coisas tão brutais. A realidade de violência ocorre sempre em maior número nas capitais dos estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e outros.

A violência é mais assustadora no Estado de São Paulo. No mesmo ano que aconteceu a tragédia em Denver, em São Paulo pelo menos 10 estudantes foram mortos dentro ou em frente a escola. Um resultado assustador.

As causas apontadas pelos especialistas para a violência escolar nos Estados Unidos são os filmes, programações de TV muito violentas, os vídeos games que dividem o mundo em vencedores e perdedores. A falta de limites que não é dada pelos pais, pois, são jovens que estudam em colégios particulares com boas condições de vida. O que vemos é a revolta dos jovens levada ao radicalismo para expor a sua não aceitação aos costumes e normas da sociedade.

No Brasil grande parte dos atos de violência ocorrem nas escolas públicas em zonas de grande miséria, onde o nível de desemprego é alto. A falta de perspectiva no futuro é grande entre os jovens, a formação de gangues é contínua e o tráfico de drogas é intenso.

Os alunos, professores e diretores de escolas estão assustados com a proporção que este fato está tomando, as escolas não tem segurança e o que vale é a lei do silêncio, tanto de alunos como de professores.

Vivemos uma realidade onde os papéis se inverteram. Não são mais os pais que mandam nos filhos, mas sim os filhos que mandam nos pais. Pois, se um filho, grita, briga e desrespeita os seus pais porque ele iria não fazer o mesmo ou pior com o seu professor, afinal o aluno acha que o professor tem obrigação de estar ali e aturar tudo o que o aluno diz ou faz, pois ele é pago para isto. Esta situação ocorre porque a profissão de professor é muito desvalorizada por parte da sociedade. O professor se cala a situações de violência por medo, por falta de apoio da escola e até para não perder o seu emprego. Isto não ajuda a melhorar esta situação, pelo contrário, só piora. Se um professor sofre algum tipo de violência ele não está só esquecendo o seu papel de educador como também está deixando de se valorizar como ser humano e assim perdendo totalmente o seu valor.

Uma das maiores violências que ocorre no meio escolar é a pedagógica: o aluno finge que aprende e o professor finge que ensina, isto contribui à violência, pois o aluno quer aprender, mas tem que ser motivado para isto. Ele quer que o professor reaja e não se omita ao que acontece ao seu redor, pois a palavra educação tem um parâmetro muito maior do que seguir um currículo. Educação quer dizer ensinar as pessoas, educar, fazer com que elas aprendam. A escola tem que se adaptar a realidade que está aí fora. Não dá para fingir, não ver ou passar por cima. As manifestações de violência estão claras para toda a sociedade e os professores e diretores muitas vezes dizem: “não isto não ocorre na minha escola”. Os governadores fingem que esta

realidade não é tão preocupante, mas até quando crianças terão que morrer para que o governo resolva fazer alguma coisa?

Os pais, ao se omitirem, tornam-se os principais culpados dos atos de violência realizados pelos seus filhos e têm que ser punidos por isto. Se uma criança de 8 anos leva uma arma para a escola e fere um colega os pais tem que ser responsáveis por este ato e punidos como manda a lei.

A pesquisa da UNESCO realizada em 14 capitais brasileiras e publicada em março de 2002, verificou que os impactos mais significativos da violência nas escolas são, pela ordem: alteração do ambiente da escola (tornando-o mais pesado), falta às aulas e piora da qualidade de ensino. Quarenta por cento dos professores consideram as gangues de jovens e as drogas os maiores problemas da escola no Brasil e que 50% dos alunos brasileiros têm seu aprendizado prejudicado pela violência dentro da escola.

Vejamos um pouco mais de perto um recorte desta violência focando o nosso Estado e, em especial, a cidade de Canoas

Em 1995, a SMED (Secretaria Municipal de Educação e Desporto) – Porto Alegre estabeleceu um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, através do professor José Vicente Tavares dos Santos, no sentido de construir o projeto de pesquisa denominado “Violência na Escola” . O objetivo central deste projeto era a reconstrução dos atos violentos no contexto escolar das escolas municipais de Porto Alegre, a fim de reconhecer as causas, compreendê-las e procurar minimizá-las.

No dia 8 de agosto de 2001, na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, ocorreu o Fórum Municipal de Prevenção à Violência no meio Escolar. Fato este que reforça, além dos motivos já citados, a nossa preocupação em estudar e pesquisar a violência no contexto escolar.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Preocupados com as interferências da violência no processo de ensino e aprendizagem nos integramos a uma equipe da Universidade Pontifícia de Salamanca – Espanha que está pesquisando e analisando a mesma problemática na província de Salamanca, a fim de dar subsídios aos professores que atuam em sala de aula.

Diante deste quadro alarmante e crescente da violência nas escolas partiu-se para uma investigação com o objetivo de buscar uma melhor compreensão do problema e viabilizar alternativas de possíveis soluções. Elaborou-se um questionário comum

para ser aplicado em escolas da Província de Salamanca e em escolas do Município de Canoas.

Foram mapeadas e identificadas as escolas do município de Canoas. Os critérios para escolha da amostra, foram os seguintes: poder aquisitivo, nível cultural, localização, número de professores e alunos. Teve-se o cuidado de escolher escolas da rede pública (municipal e estadual) e privada do ensino fundamental e médio do município de Canoas, seguindo os critérios descritos acima, a fim de que a amostra fosse a mais representativa possível.

Das 131 escolas existentes no Município de Canoas, foram pesquisadas 20 escolas, sendo aplicados 244 questionários a professores, diretores e orientadores.

O município foi dividido em duas áreas, uma para cada professor pesquisador. Para evitar problemas e dificuldades na pesquisa, solicitou-se da Secretaria Municipal de Educação de Canoas e da 27ª (Coordenadoria Regional de Educação de Canoas) uma autorização para ter acesso as escolas e respectivos professores.

Os questionários foram entregues pessoalmente pelos pesquisadores para direção da escola que os encaminhou aos professores. Alguns instrumentos, no entanto, foram aplicados diretamente pelo pesquisador.

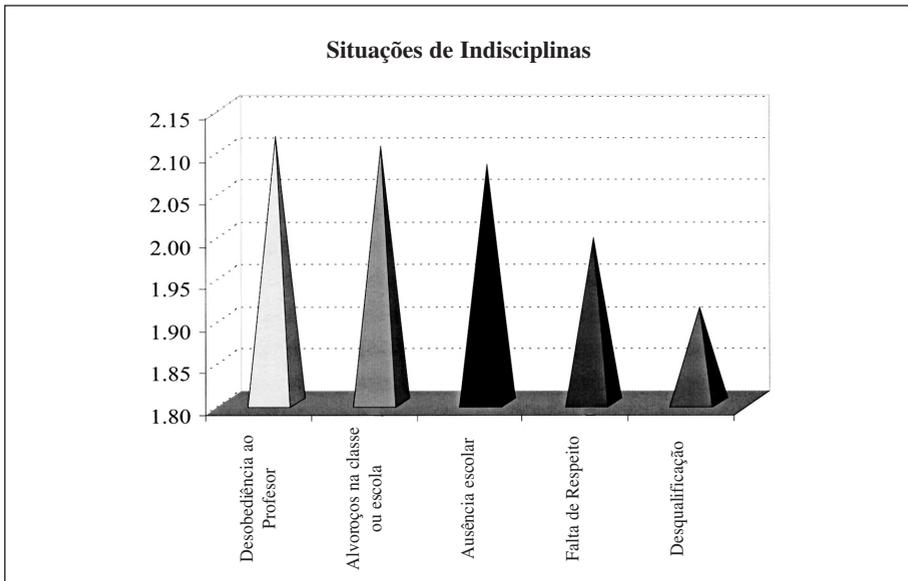
Considerando os percalços que envolvem uma pesquisa abordando este tema, tivemos algumas dificuldades em ter acesso às informações desejadas. A coleta foi concretizada pela persistência da equipe envolvida. Os dados foram codificados e digitados no pacote estatístico SPSS, para posterior análise.

RESULTADOS

Nesta parte apresentaremos apenas alguns resultados da pesquisa que consideramos os mais significativos para este momento. Os resultados foram gerados a partir do programa SPSS e estão representados em gráficos.

Ao analisarmos as respostas dos professores obtivemos os seguintes resultados. Perguntamos aos professores “Com que frequência aparecem em suas aulas as seguintes situações de indisciplina ”.

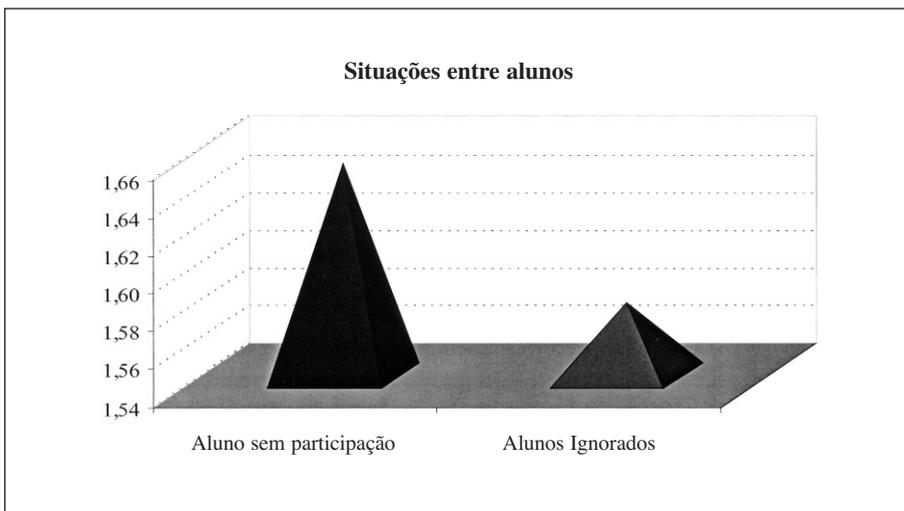
Docência em situação de risco social



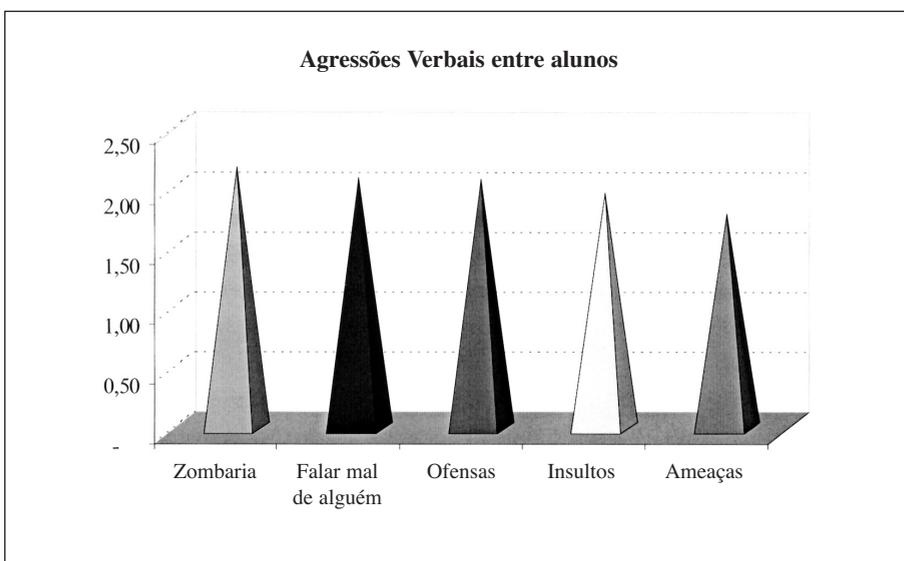
Nas situações de indisciplina mencionadas nesta questão a que com mais frequência apareceu foi a desobediência ao professor. Atribuindo valores numéricos 1 – nunca, 2 – às vezes, 3 – frequentemente e 4 – sempre às opções oferecidas aos professores, nos permitiu calcular, classificar e avaliar pela média as respostas dadas pelos docentes. Usando o recurso da média, podemos afirmar que a situação de indisciplina, desobediência ao professor, está entre às vezes e frequentemente na opinião dos professores. A situação de indisciplina menos registrada pelos professores foi a desqualificação, ficando o valor médio da ponderação 1,65.

Para Jean-Claude Olivier (2000), a violência é um componente inevitável da vida social, está presente na mídia e, em especial na televisão. As crianças são os mais atingidos pelas imagens violentas com que a mídia quer atrair a jovem clientela. Analisando as respostas dos professores parece que a informação colhida sobre a indisciplina e a violência na sala de aula não reflete a realidade. Os professores consideraram que apenas às vezes seus alunos são desobedientes.

Apareceu em pequena escala, situações entre os alunos, como alunos ignorados e alunos que não desejam participar. São questões que na opinião dos professores, pouco interferem no processo ensino-aprendizagem na sala de aula.



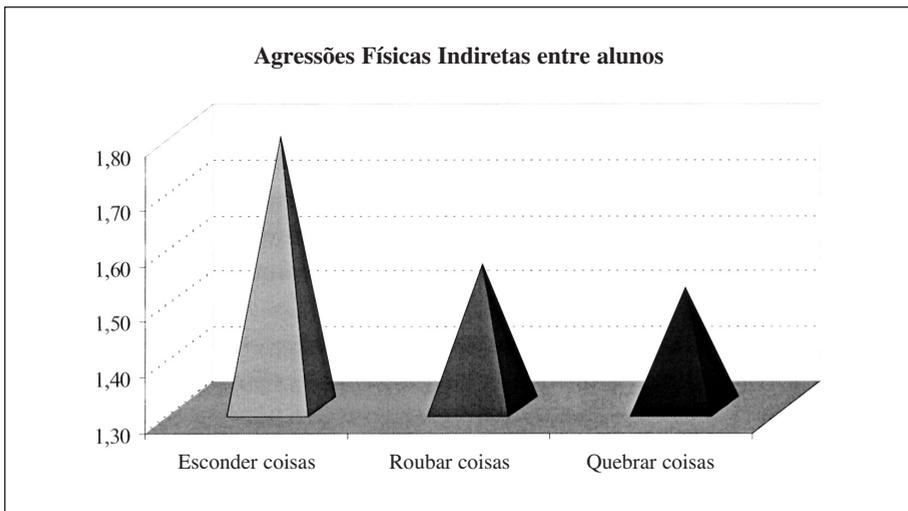
As agressões verbais entre os alunos, aparecem em nível mais elevado, excedendo ao valor médio do “as vezes”, predominando a zombaria e o “falar mal de alguém”. A escola vive uma luta desigual. Ela tem a tarefa de educar e neste processo um contínuo desfazer e minimizar os estímulos exacerbados por imagens incitadoras que aparecem na televisão.



Docência em situação de risco social

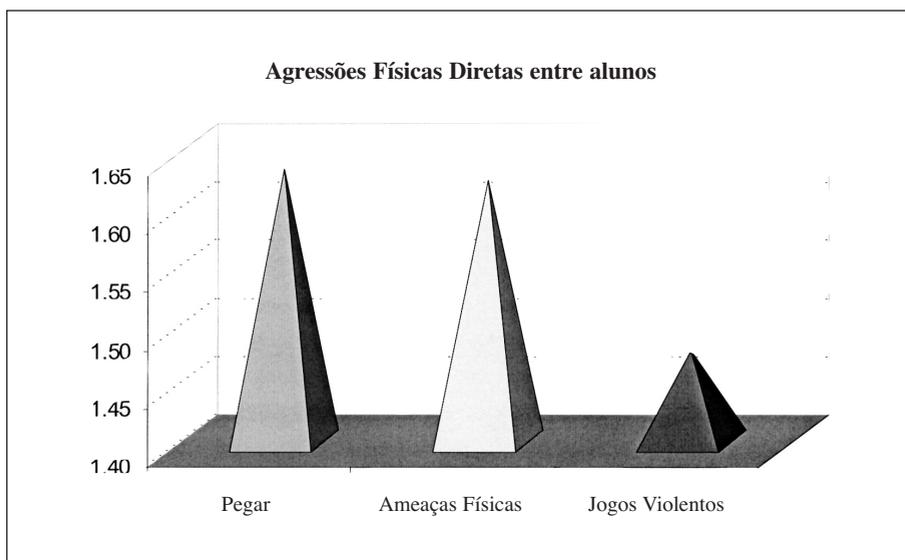
Na opinião de Olivier, o esporte de combate deveria ser resituado no contexto institucional. Transformar a briga em jogo. Jogo com regras onde a criança ou adolescente pode expressar seu ímpeto em condições seguras e definidas.

As agressões físicas indiretas, como esconder coisas, roubar coisas e quebrar coisas, apareceram numa intensidade pequena, predominando a atitude de esconder coisas. Pouco apareceu, na percepção do professor, a atitude quebrar coisas, o nível médio ficou em 1,51.



A palavra escola vem do grego “eskolé”, significa passear. Aristóteles, ao concluir a *Ética de Nicômano*, escreve que é a atividade humana que se enquadra na categoria do “gosto cultivado”. O pedagogo na Grécia do século V, era aquele que além de ajudar a criança nas suas tarefas escolares, passeava com ela (In: Trindade, p.71). A escola é o ambiente onde se cultiva, se molda, se cresce. Não deve ser, um ambiente como descrito por Maurício da Silva em *Violência nas Escolas*. Onde escreve: “A escola se destituiu de sua real função educativa e se tornou em assistencialista, num depósito de futuros criminosos, onde há gangues, quadrilhas, usuários de drogas, pichação, depreciação, intimidação e agressões”. Esta realidade, apesar de espantosa, em parte se confirma nos registros das agressões no contexto escolar, nas delegacias de polícia.

Considerando os dados obtidos sobre as agressões físicas diretas entre os alunos, o nível médio das respostas ficou entre o “nunca” e “às vezes” não revelando a seriedade da questão. Predominando o “pegar” e as “ameaças físicas” como as agressões diretas mais significativas.



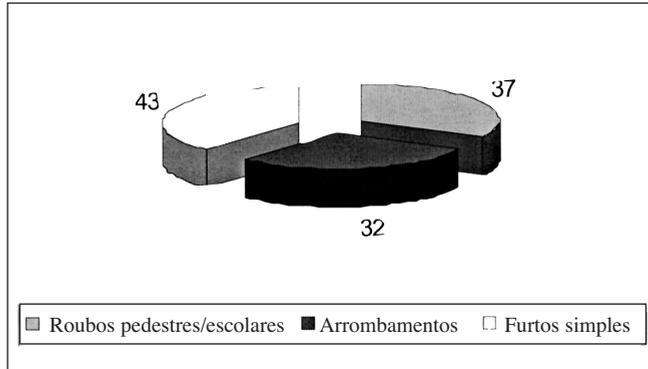
A teoria desenvolvida pelo jurista italiano Enrico Ferri (In: Trindade, p.71), o homem não nasce delinqüente e sim se torna ao longo da vida porque o meio social, o meio ambiente, os fatores externos convergem no sentido de tornar a pessoa violenta. A escola tem a grande responsabilidade de ser o meio capaz de proporcionar os fatores externos e fazê-los convergir em seus adolescentes a não estimular a violência. Para Durkheim (In: Trindade p.71), a violência decorre da anomia, isto é, ausência de normas. Quando não há normas, quando não há limites, a probabilidade da violência aumenta.

José Saramago em sua conferência no Simpósio Internacional “A Experiência do Século” na Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1992, fez um apelo aos educadores presentes no sentido de não banalizarem a tragédia, a violência, que passa a ser natural porque todos os dias e a cada instante a vemos, seja na vida real ou através dos meios de comunicação. Devemos senti-la e nos revoltar contra ela, mantendo vivo este sentimento entre os nossos alunos adolescentes, pois assim poderemos reverter muitas coisas. Não devemos esquecer e esconder as situações de violência. Devemos trazer-la à tona, lembrar sua crueldade, discutir-las com os alunos.

A estatística policial mostra o quanto de violência ocorre no contexto escolar. Temos dados que mostram agressões entre alunos, aluno contra professor. Agressões à estrutura física da escola e/ou equipamentos. Os registros na Polícia Civil não confirmam esta situação de tranquilidade, as nossas escolas e o contexto escolar são alvos

Docência em situação de risco social

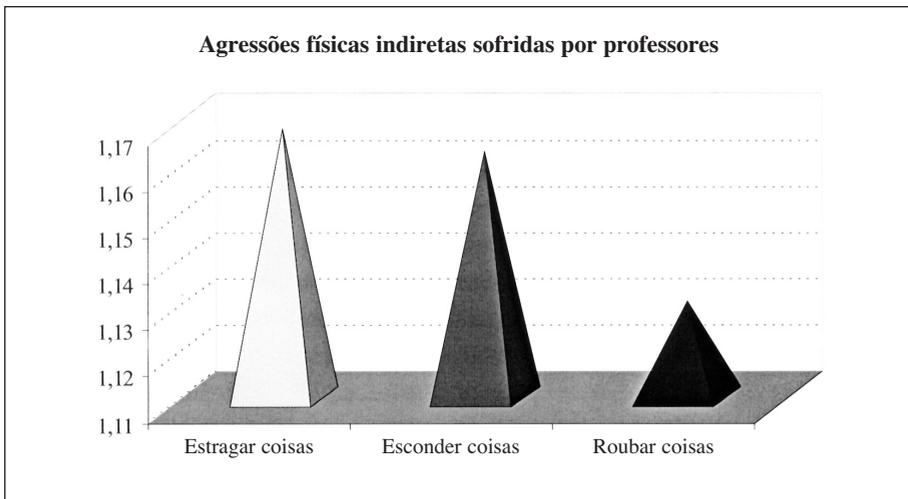
de agressões, como roubos a pedestres/escolares, em 2000 foram registrados 37 agressões desta natureza. Foram registrados 32 arrombamentos e 43 furtos simples a estabelecimentos de ensino.



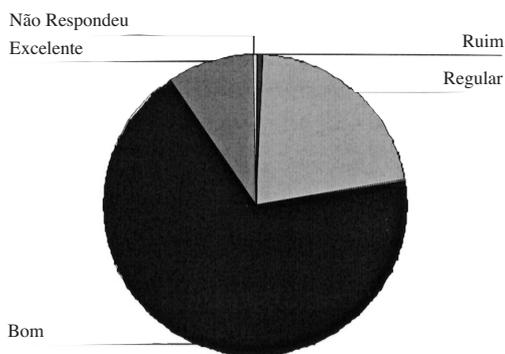
Fonte: Secretaria da Segurança Pública RS

Fazendo uma análise comparativa entre os dados levantados na polícia e dados relatados na imprensa a respeito das agressões no meio escolar com as informações coletadas entre os professores, parece que muito do que ocorre no meio escolar já não mais chama atenção, já se tornou comum, nas palavras de Saramago, banal.

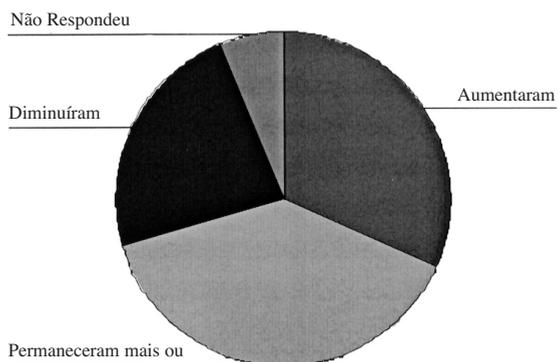
Os professores não se sentem agredidos fisicamente de forma indireta, pois o nível médio das respostas colhidas entre os professores foi 1,17, muito próximo do “nunca”, para o índice mais alto.



Os professores das nossas escolas acham que o clima de convivência entre os alunos é bom.

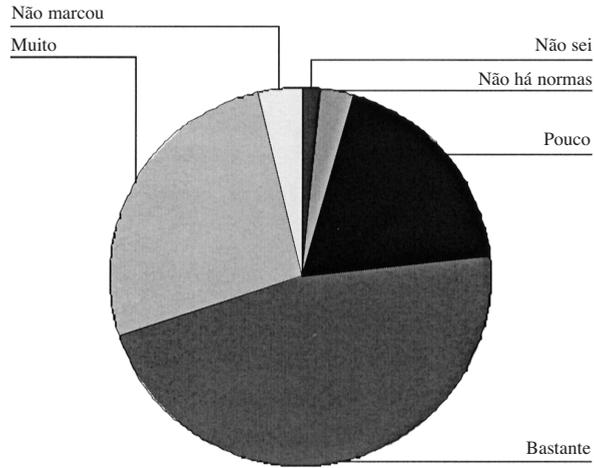


A situação de indisciplina nos últimos 3 anos permaneceu mais ou menos igual, na opinião dos docente que atuam nas escolas do Município de Canoas.

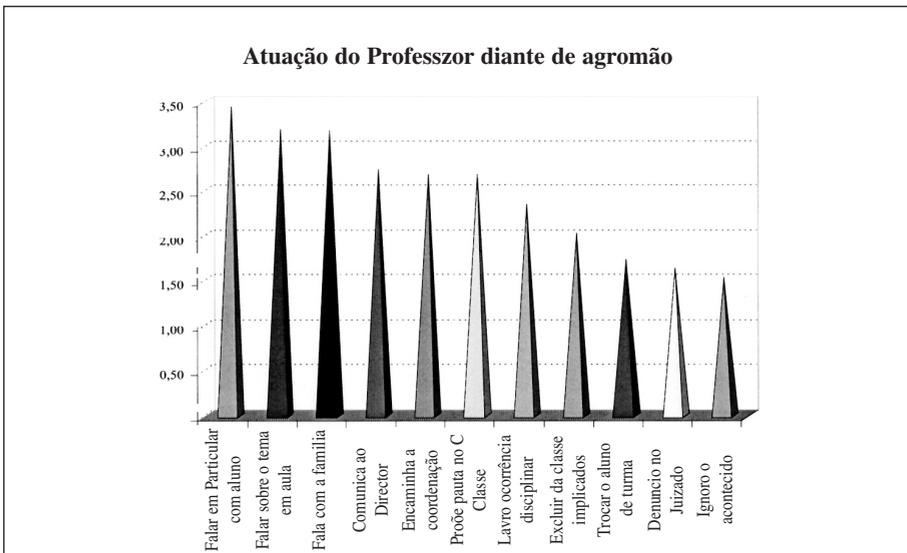


Os professores das escolas de Canoas consideram que as normas de convivências podem diminuir significativamente os problemas da indisciplina e da ordem na sala de aula.

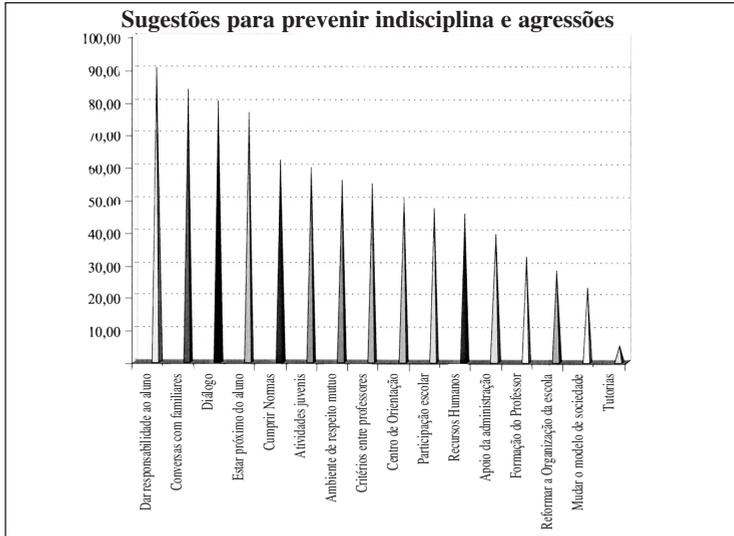
Docência em situação de risco social



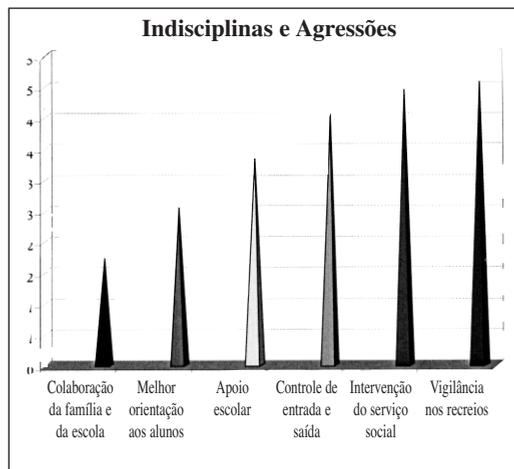
O professor ao se posicionar quanto a sua atuação diante das agressões ocorridas na escola salientou que sua ação seria a de falar em particular com o aluno como primeira alternativa, aparecendo como índice médio igual a 3,5. Numa escala onde o maior índice seria 4, a ação de menor índice médio foi o de ignorar o acontecido.



Para prevenir a indisciplina no meio escolar, deve-se dar responsabilidade ao aluno, 90% dos professores optaram por esta alternativa. Seguindo as sugestões, em segundo plano, apareceu a conversa com os familiares e em terceiro plano, o diálogo, em última os professores se posicionaram em ignorar o acontecido.



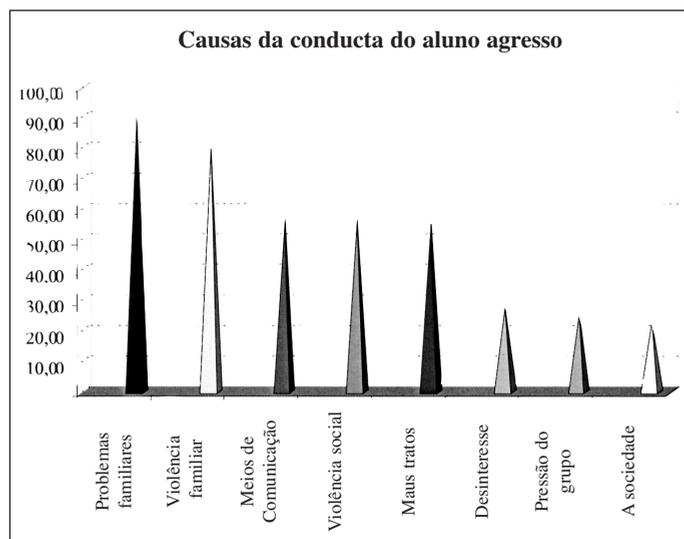
Da mesma forma os professores opinaram que para prevenir a indisciplina e agressões na escola, a melhor alternativa é ter a colaboração da família, depois em ordem decrescente, dar melhor orientação aos alunos. Em último nível, ter mais vigilância nos recreios.



Docência em situação de risco social

O gráfico anterior aparentemente está invertido porque foi sugerido na questão que fosse atribuído 1 ao melhor e 6 ao que considerar a pior alternativa. Logo a opção que apareceu com a menor média é a que foi considerada a melhor.

As causas da conduta do aluno agressor, na opinião dos professores, em primeiro plano estão os problemas familiares, seguido da violência familiar, por último a sociedade.



CONCLUSÃO

Os resultados demonstram uma cautela no posicionamento dos professores em relação a violência. Isso se deve talvez a situação de coresponsabilidade do professor com a escola e com a sociedade. Declarar o alto índice de violência é assinar uma parcela de culpa no processo ensino aprendizagem.

Mesmo que seja notório e do conhecimento público inúmeros casos de violência que ocorrem nas escolas, a pesquisa teve um resultado bastante cauteloso. Os gráficos mostram um equilíbrio nas atitudes dos alunos em relação ao professor.

Fica evidente, no entanto, a importância da família no processo educativo, tanto no combate às drogas como na formação integral do futuro cidadão.

Sugere-se que a pesquisa seja continuada e novas pesquisas com diferentes abordagens deverão surgir nesta área que consideramos de fundamental importância para a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABRAMOVAY, Miriam & RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.
- DIMENSTEIN, Gilberto. *A Epidemia da Violência*. Folha de São Paulo, 22/09/96.
- DURKHEIN apud Jorge TRINDADE In: *A Violência na Escola*. Canoas: ULBRA, 2000.
- FERRI, Enrico apud Jorge TRINDADE In: *A Violência na Escola*. Canoas: ULBRA, 2000.
- REZENDE, Marcelo. *Paixão de Aprender* - nº 14. Porto Alegre: SMED, 2001.
- SILVA, Monteiro. *A Violência na Escola: a percepção dos alunos e professores-mimeo*, Porto Alegre: SMED, 1995.
- OHSACO, T., *Violence at school. Global issues and interventions*. UNESCO, 1998.
- OLIVIER, Jean-Claude. *Das Brigas aos Jogos com Regras: Enfrentando a indisciplina na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, Maurício da. *Violência nas Escolas: Caos na Sociedade*. São Paulo: Evirt, 1999.
- TRINDADE, Jorge. *A violência na escola: o papel das instituições*. In: *A violência na escola*. Org. Arrieta, Gricelda Azevedo. Canoas: ULBRA, 2001.